

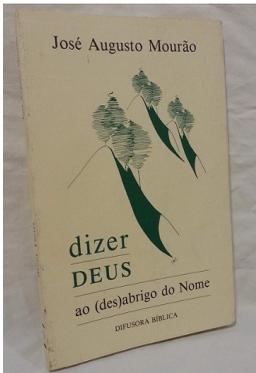


*Encontrei neste poema uma oração para todos os humanos
em todos os dias deste tempo difícil e tão incerto.
Bem hajas, frei JOSÉ AUGUSTO MOURÃO!*

A nós que agora vemos em espelho
aguardando o face a face do teu Dia
que o fogo do mal não nos devore os olhos
nem a ira queime a compaixão que falta
mas que a tua paz nos mostre o possível do mundo
o amanhecer da graça e da beleza

que não recuemos diante da tua sombra
nem nos contem as horas os relógios da fé

dá a vigilância e o fervor à nossa vida
a atenção ao escondido da esperança
e a resistência às tentações da transparência
para o instante e o agora do mundo



Minha Princesa de mim:

Há semanas que não te escrevo. Além de distraído por outras cismas, tenho sofrido repetidas cargas das minhas maleitas álgicas, perco sono e fico prostrado pelo cansaço. Vale-me o amparo de alguma música, desta feita - e curiosamente - a de compositores da última década do século XIX e primeiras do XX, de Debussy e Satie a Ravel e Stravinsky, sem esquecer a escola de Viena... E vou navegando por mares poéticos, por Paul Claudel e os japoneses, e ainda - talvez sobretudo - pelo imenso e forte oceano do nosso frei **JOSÉ AUGUSTO MOURÃO**, cuja poesia é, ela própria, uma liturgia da Palavra que o sopro do Espírito vai enfunando em nós. Tornando-nos

sempre bem presente a saudade vital que é o fado da nossa humana condição. Citando um dos títulos da obra de frei José Augusto, afirmo que a sua poesia é ***Dizer Deus ao (des)abrigo do nome.***

Topamos por aí com "poetas" medíocres, carreiristas de encómios, que vão encobrendo a indigência dos seus escritos e discursos com citações frequentemente deslocadas do seu sentido próprio, para apenas decorarem a moldura do retrato em que se miram ao espelho do charco sobre que se debruçam com alguma "flor de cultura". Talvez distraídos daqueles versos de J. A. Mourão, insertos no seu *protestatio et confessio*:

*à banalização do mal eu digo não
à tecnologia das próteses e ao mercado
que conforta em nós Narciso, digo não*

Afinal, o Poeta mesmo, aquele que vive como dom, como promessa e espera, a liturgia essencial da Palavra sabe as horas pelos *relógios da fé*:

*A nós que agora vemos em espelho
aguardando o face a face do teu Dia
que o fogo do mal não nos devore os olhos
nem a ira queime a compaixão que falta
mas que a tua paz nos mostre o possível do mundo
o amanhecer da graça e da beleza
que não recuemos diante da tua sombra
nem nos contem as horas os relógios da fé
dá a vigilância e o fervor à nossa vida
a atenção ao escondido da esperança
e a resistência às tentações da transparência
para o instante e o agora do mundo*

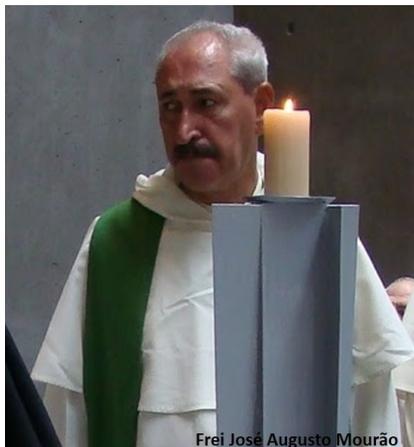
Encontrei neste poema uma oração para todos os humanos em todos os dias deste tempo difícil e tão incerto. Bem hajas, frei **JOSÉ AUGUSTO MOURÃO!**

CAMILO MARTINS DE OLIVEIRA

In *Cartas Novas à Princesa de Mim*

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cartas-novas-a-princesa-de-mim-894350> (21.06.2020)

desconfina mento pascal



Frei José Augusto Mourão

Será por vezes difícil entender isso de passar de estado de emergência a calamidade, ou vice-versa. E até me dá urticária ouvir falar em confinados. Recuso-me a estar com finado ou com finados, antes desejo, procuro, quero estar com vivos. Mesmo no chamado Dia de Finados, prefiro pensar na festa dos vivos que por agora não vemos. A situação difícil que hoje vamos atravessando tem, além dos malefícios já impressionantes da

própria pandemia, efeitos colaterais mais do que indesejáveis, não só pelas misérias pessoais que, dia a dia, se vão acumulando ao ponto de desastrem a vida a muita gente, mas também pelas consequências previsíveis, a curto e médio prazo sobre as suas atuais condições de vida económica e social. Tornam-se por isso imperativas e urgentes as decisões e medidas políticas mais adequadas e eficazes ao desagravamento e tratamento possível dos casos de maior expressão, mais clara injustiça e maior necessidade.

Mas tais ações não podem nem devem fazer-nos esquecer que, por outro lado, a ameaça sanitária presente e as crises suas resultantes nos forçam a olhar mais pausadamente para as realidades com que deparamos e a interrogar-nos sobre elas, designadamente sobre a justeza e justiça dos modelos sociais, económicos e políticos que temos vindo a seguir, e nos quais depositamos - quicá leviana ou exageradamente - esperanças de reconstrução. Afinal, todo este drama talvez nos traga também uma boa oportunidade de

refletirmos, com menos preconceitos ou preconceito nenhum, acerca de soluções, mais do que reparadoras ou de simples conserto, verdadeiramente redentoras e propiciadoras de metanoias novas a caminho de um mundo melhor que todos desejamos, como diria - e não só em Moçambique - MANUEL VIEIRA PINTO.

Emocionamo-nos muito com o espetáculo de tantas misérias pessoais e sociais que as vagabundas notícias que todos os dias nos visitam vêm trazendo. Possa tal emoção mover-nos mesmo a uma atenção e um cuidado mais vivo e ativo, mais solidário com todos aqueles que - sabe Deus desde quando - estão à nossa espera. E desejemos, com toda a nossa verdade, que tal movimento tenha nascente no íntimo do nosso coração. Por isso, em quadra de Páscoa e mês de Ramadã, fecho este breve texto com uma oração composta por frei JOSÉ AUGUSTO MOURÃO, dominicano português, pela Festa da Páscoa de 2011. Encontrei nela um profundíssimo sentido da

Eucaristia cristã, sobretudo neste tempo em que tantas celebrações nos estão vedadas em estilo clássico. O mesmo sentido que me atingiu, há uns anos já, ao ler o relato de outro confrade de frei José Augusto, o francês Serge de Beaurrecueil, quando era o único católico residente em Kabul: todas as noites, ao celebrar, sozinho, a missa no seu eremitério de Kabul, frei Sérgio consagrava um naco do pão que, ao almoço desse dia, partilhar com os seus alunos e amigos afegãos e muçulmanos. Escreve frei JOSÉ AUGUSTO:

***nós te damos graças
por este dia, este lugar de
trânsito,
esta mesa e este pão partido
ensina à nossa vida o dom,
a graça da partilha,
não a predação***

***nós to pedimos por Cristo,
o dom perfeito para todos
e pelo Espírito, o poço
da nossa comunhão no tempo***

CAMILO MARTINS DE OLIVEIRA

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/desconfinamento-pascal-881423> 10.05.20



Oração do novo despertar

Jesus, ressuscita a nossa **confiança**. O coronavírus deixou-nos a todos desorientados. Nunca nos tínhamos sentido tão inseguros nem tão paralisados de medo. Os seres humanos sentiram, de repente, que são frágeis e vulneráveis... Jesus, desperta em nós a confiança nesse mistério de Bondade insondável que é Deus, esse Pai que nos ama com entranhas de Mãe. Nenhum ser humano está só. Ninguém vive esquecido. Nenhuma queixa cai no vazio.

Jesus, ressuscita a nossa esperança. Caminhávamos com

orgulho para um bem-estar cada vez maior e, de repente, ficámos sem horizonte. Neste momento, ninguém no mundo sabe como serão os dias que aí vêm, nem quem nos poderá conduzir para o futuro... Jesus, que a pandemia não nos roube a esperança. Recorda-nos que não estamos sós, perdidos na história, enredados nos nossos conflitos e contradições, que temos um Pai que, acima de tudo, busca o nosso bem.

Jesus, ressuscita a nossa solidariedade. O coronavírus fez-nos ver que necessitamos uns dos outros. Não podemos caminhar para o futuro divididos,

sem acudir aos que sofrem, sem nos aproximarmos de quem de nós necessita... Jesus, desperta em nós a fraternidade. Recorda-nos o projeto humanizador do Pai, que, apenas, pretende construir connosco, na terra, uma família onde cada vez mais reine a justiça, a igualdade e a solidariedade.

Jesus, ressuscita em nós a lucidez e a responsabilidade.

Superada a pandemia, teremos de ser capazes de enfrentar as graves consequências que ela nos deixará como herança... Jesus, enche-nos do teu Espírito, para que saibamos caminhar para um mundo mais humano: promovendo a cooperação internacional e uma governação global cada vez mais necessária; assegurando o pão aos que irão sair da pandemia para cair na fome; protegendo os povos mais fracos que irão ficar sem infraestruturas. Jesus, que sejamos misericordiosos como o nosso Pai é misericordioso com todos nós.

Jesus, ressuscita e sacode as nossas consciências. O

coronavírus transformou-se, inesperadamente, num grave sinal de alarme. O projeto criador de Deus nosso Pai, que pretende que a terra seja a “Casa comum” da família humana, está a ser arruinado precisamente por nós, a

espécie mais inteligente... Jesus, faz com que tomemos consciência de que o planeta nos oferece tudo o que a humanidade necessita, mas não tudo o que anseia a obsessão insaciável de bem-estar dos poderosos. Que despertemos, quanto antes, para a compreensão de que a degradação do equilíbrio ecológico nos está a conduzir para um futuro cada vez mais incerto.

Jesus, ressuscita a nossa fé no

Pai. Para não perdermos nunca a esperança de crer na nossa própria ressurreição para além da morte. Só então descobriremos que os nossos esforços por um mundo mais humano e feliz não caíram no vazio. Só então experimentaremos que, o que cá ficou por acabar, o que não pôde ser, aquilo de que demos cabo com os nossos erros e asneiras, o que construímos com gozo e com lágrimas, tudo há de ser transformado. Escutaremos, então, vindas do mistério da Bondade insondável de Deus, estas admiráveis palavras: “Eu sou o alfa e o ómega, o princípio e o fim. Ao sedento, eu darei da fonte da água da vida, gratuitamente” (Ap 21, 6). Gratuitamente! Sem que o mereçamos, Deus saciará a sede de vida eterna que todos sentimos dentro de nós.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA



as reformas da igreja não resolvem a crise da fé. DREWERMANN, o crítico da igreja, completa 80 anos

O crítico da igreja Eugen Drewermann avalia ceticamente os esforços de reforma da Igreja Católica, bem como o percurso sinodal da Igreja na Alemanha. É claro que conversar com as pessoas é importante, "mas não resolve os problemas fundamentais da crise de fé que as pessoas enfrentam hoje no nosso mundo cultural ocidental", disse Drewermann, que completa 80 anos em 20 de junho, ao Evangelischen Pressedienst. (epd) em Paderborn.

A reportagem é publicada por *Evangelischer Pressedienst*, 12-06-2020.

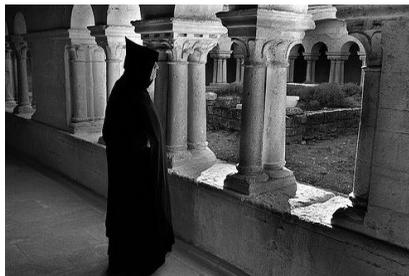
Na Alemanha, mais de 60% da população é da opinião que não há ressurreição ou esperança diante da **morte**, explicou o teólogo católico, autor de inúmeros livros. A visão de mundo ensinada pela Igreja não apresenta nenhuma resposta à dor e à morte, é a crítica de **DREWERMANN: "A dor no mundo conduz ao ateísmo por desilusão"**.

A Igreja deve interpretar o mundo pela perspectiva das pessoas que sofrem social e psicologicamente, diz DREWERMANN. "Ali dentro temos que acompanhar Jesus, seguindo seu exemplo, quando ele impõe as mãos sobre os enfermos, leva conforto aos marginalizados, perdoa as culpas daqueles que se perderam", acredita o autor e psicoterapeuta. As pessoas só podem se tornar boas através da bondade. A **psicanálise** e a **psicoterapia** fizeram isso claramente e, a partir disso deve aprender a teologia na leitura da Bíblia.

Além disso, a **Igreja** deve esforçar-se com muito mais força pela paz, liberdade e um **estado justo**, voltado para combater a exploração e o rearmamento. De fato, ele afirma, Jesus ensina que a paz não se constrói com armas e violência, mas com diálogo e compreensão mútuos. Os abusos na Igreja Católica, bem como as estruturas causadoras do mal, das quais ele havia tratado trinta anos atrás, em seu livro "**Kleriker**" ("*Funcionários de Deus*"), desde então "se desenvolveram em sentido ainda mais negativo", disse DREWERMANN. "As **estruturas** endureceram e, desta forma, toda estrutura acabou desabando".

Mas ele não está interessado em fazer uma **crítica à Igreja**, enfatizou o teólogo. "Estou interessado em libertar as pessoas das restrições internas e transmitir a mensagem de Jesus para que ela ajude no seu **desenvolvimento pessoal**, como acompanhamento na vida e para a compreensão **mútua**". Se isso é impedido na **Igreja**, causa enormes danos.

No início dos anos 1990, o arcebispo de Paderborn da época, Johannes Joachim Degenhardt, proibiu DREWERMANN de pregar e ensinar por causa de suas opiniões críticas em relação à Igreja. Desde então, DREWERMANN escreve livros, realiza conferências e desempenha atividades como terapeuta. Em 2005 ele saiu da Igreja Católica.



Caminhar e meditar em silêncio

Caminhar e meditar em silêncio são exercícios de resistência.

O inverso do espírito de competição, num tempo dominado pelo ruído, em que a filosofia de vida predominante é a do mundo de negócios.

Caminhar e meditar em silêncio é terapêutico.

Uma cura, um remédio, um ansiolítico natural que recompensa.

É viajar com a mente, pensando enquanto se caminha.

Trabalhar com a mente, enquanto se anda a pé.

Viver o corpo, enquanto se caminha e medita.

A mente a trabalhar e a cooperar com as pernas.

É humanizar a vida.

Simbolicamente é uma aventura, um passeio palpável e intangível, uma experiência de aprendizagem, cognitiva e de procura do silêncio, desfrutando-o.

O nosso mundo mais próximo, que nos rodeia, é apreciado, explorado e festejado.

Abrimos os olhos e achamos a beleza onde não diríamos estar.

É respirar e sentir a paz.

Dialogar com o tempo e o espaço.

Ter paciência, sem pressa, pois o mal da pressa apressa tudo.

Arrumam-se ideias, obrigações, compromissos, conhece-se o pormenor do percurso, o nome das ruas e seus desvios.

É passear ao longo da praia, apreciada e sentida de manhã cedo, ouvindo o oceano, molhando os pés, apanhando conchas, vendo as gaivotas e o mar a enrolar na areia.

Saboreia-se e disfruta-se a natureza.

Degustamos a memória do tempo passado, o presente das coisas, a espera e o sonho das coisas futuras.

Purifica-nos a contemplação e o sentir do silêncio que nos falta.

Interrogamo-nos sobre nós próprios e os outros.

Sensibilizam-nos pormenores da paisagem que usualmente não vemos.

Ocioso, para muitos, apoiando-se na teoria de vida dominante, que concebe a existência como uma luta, na qual só é devido respeito ao vencedor.

Vive-se o corpo e a mente, cada um está mais perto de si, dada a intimidade, introspeção e concentração do caminhar e meditar em silêncio, sociabilizando mentalmente com outros.

Um prazer físico, espiritual, frugal e tranquilo.

JOAQUIM MIGUEL DE MORGADO PATRÍCIO

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/tag/caminhar> (08.05.2020)